

**Cognição e Emoção em Ação: Uma Reflexão sobre os Processos Mentais a Partir de
uma Experiência Pedagógica**

Viviana dos Santos Angelo de Freitas

AGTU – American Global Tech University

Mestrado em Educação com Especialização em ESG – Governança, Responsabilidade Social
e Meio-Ambiente

Disciplina: Digital Competences and Neurociences

Professora: Susane Garrido

Junho de 2025

Cognição e Emoção em Ação: Uma Reflexão sobre os Processos Mentais a Partir de uma Experiência Pedagógica

Resumo

Este texto apresenta uma discussão sobre a relação entre a cognição e a emoção, fundamentando-se nas ideias teóricas de Steven Pinker, António Damásio, junto com outros pesquisadores da neurociência e da psicologia cognitiva. A análise tem início a partir da experiência educacional da autora, atuante na Educação Infantil, em um cenário de resolução de conflitos entre crianças. Por meio da interação entre prática e teoria, o trabalho ressalta como emoção e raciocínio não funcionam como opostos, mas como sistemas que se inter-relacionam na configuração da mente humana, mesmo em idades muito jovens. A compreensão dessa dinâmica é fundamental para a mediação de conflitos e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais desde os primeiros anos escolares.

1. Introdução

Ao longo de séculos, a dicotomia entre razão e emoção marcou profundamente a forma como o conhecimento foi estruturado no Ocidente. A herança cartesiana perpetuou a ideia de que pensar e sentir seriam funções separadas, com a emoção relegada a um papel secundário, quase como um ruído no processo racional. No entanto, com os avanços das ciências cognitivas e da neurociência, essa visão tem sido amplamente revista. Este artigo propõe uma reflexão sobre a integração entre cognição e emoção a partir de uma experiência concreta vivida no ambiente da Educação Infantil. Com base nas obras de autores como Steven Pinker (1999), António Damásio (2022), Matthew Lieberman (2024) e Edgar Morin (2003), buscamos compreender como essas dimensões se manifestam e se articulam na infância. A prática pedagógica será o ponto de partida para evidenciar que sentimentos e pensamentos não apenas coexistem, mas são mutuamente constitutivos da mente humana. Nosso objetivo é

analisar como a mediação de conflitos na infância pode se tornar uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento emocional e cognitivo, destacando o papel do educador como facilitador desses processos. Para isso, utilizamos uma metodologia qualitativa baseada na descrição e análise de uma vivência pedagógica.

2. Fundamentação Teórica

Steven Pinker: Emoção como adaptação evolutiva No livro *Como a mente funciona* (1999), Pinker explora a mente humana a partir da perspectiva da psicologia evolutiva. Ele propõe que as emoções são dispositivos que se desenvolveram ao longo da história da espécie para lidar com desafios adaptativos. Assim, sentimentos como raiva, medo, alegria ou tristeza são, na verdade, respostas inteligentes a determinadas situações que exigem tomada de decisão rápida. Para Pinker, pensar e sentir não são opostos, mas partes interdependentes de um sistema que visa maximizar a sobrevivência. Em contextos educacionais, isso significa reconhecer que uma criança que age de forma agressiva ou se retira em silêncio pode estar expressando uma resposta emocional complexa a estímulos percebidos como ameaçadores, mesmo que estes não sejam visíveis ao adulto.

António Damásio: A emoção como base da razão Damásio (2022), em *Sentir e saber*, rompe com a ideia de que a razão opera de forma isolada. Com base em estudos com pacientes neurológicos, mostra que a ausência de respostas emocionais compromete drasticamente a tomada de decisões. Sua teoria dos “marcadores somáticos” revela que decisões racionais são, na verdade, guiadas por experiências emocionais codificadas no corpo. Na infância, onde a linguagem ainda está em desenvolvimento, a emoção se expressa de maneira mais direta, por meio de gestos, choro, expressões faciais e reações físicas. Damásio ajuda a compreender que essas manifestações não devem ser vistas como imaturidade, mas como expressão legítima de um processamento emocional e cognitivo em curso.

Matthew Lieberman: O cérebro social Lieberman (2024) contribui com a noção de que o cérebro humano é, antes de tudo, uma estrutura social. Seu trabalho em neurociência social demonstra que a empatia, o julgamento moral e a cooperação são capacidades biológica e neurologicamente fundadas. Regiões como o córtex pré-frontal medial e o sistema límbico interagem constantemente para regular comportamentos sociais, inclusive em contextos infantis. Esse entendimento reforça a importância de cultivar ambientes escolares em que a empatia seja incentivada e o conflito, acolhido como parte do processo de aprendizagem.

Edgar Morin: Complexidade e educação Morin (2003) defende uma abordagem complexa para o conhecimento, superando a fragmentação entre corpo e mente, razão e emoção, teoria e prática. Para ele, educar é também ensinar a lidar com a incerteza, com a pluralidade e com o erro. Essa visão implica repensar a atuação docente para além do ensino de conteúdos, integrando o cuidado com as emoções como parte do ato educativo.

Susane Garrido: Cognição e mediação simbólica Garrido (2016) contribui ao discutir a cognição como um processo ampliado por mediações simbólicas, artefatos e interações humanas. Para a autora, o ambiente educacional é um espaço onde o digital, o virtual e o analógico coexistem em diálogo, promovendo processos cognitivos mediados pela emoção, linguagem, cultura e corporalidade.

3. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, centrada em uma narrativa pedagógica. A experiência relatada ocorreu com uma turma de crianças de quatro anos, em uma situação real de conflito no ambiente escolar. A análise articula a vivência com os referenciais teóricos apresentados, buscando extrair reflexões que possam contribuir para a prática educativa em diferentes contextos.

4. Relato Pedagógico: Mediação de Conflitos na Educação Infantil

Durante uma manhã, duas crianças disputavam um mesmo brinquedo. Em meio à frustração, uma empurrou a outra, gerando choro e tensão. Em vez de intervir com um castigo imediato, optei por respirar fundo e escutar cada uma delas. Esse momento de pausa foi essencial para a minha própria autorregulação emocional, um fator muitas vezes negligenciado, mas crucial no comportamento docente. Ao conversar separadamente com as crianças, compreendi que o conflito envolvia não apenas o brinquedo, mas frustrações acumuladas, falta de escuta e desejo de pertencimento. A solução encontrada foi criar um sistema de rodízio com apoio visual só foi possível após acolher as emoções de ambas, traduzindo o conflito em aprendizado. Essa experiência evidenciou os marcadores somáticos descritos por Damásio (2022): o calor na pele, o nó na garganta, o olhar trêmulo. As crianças expressavam no corpo aquilo que ainda não conseguiam nomear. Ao mediar a situação, atuei também como tradutora simbólica desses sinais, oferecendo palavras, escuta e estrutura para que a emoção se transformasse em ação consciente.

5. Análise e Discussão

A experiência revela como as emoções estão profundamente enraizadas na construção do raciocínio, como argumentam os autores apresentados. Ao empurrar a colega, a criança não “esqueceu de pensar”, mas respondeu a um estado emocional que ultrapassava sua capacidade de autorregulação. Como indica Pinker (1999), essa reação pode ser entendida como uma forma primitiva, porém válida, de se defender de uma situação percebida como injusta. Lieberman (2024) sustenta que o cérebro social está constantemente avaliando interações, buscando sinais de aceitação, rejeição ou ameaça. A intervenção docente, ao promover escuta e negociação, favorece o amadurecimento dessas áreas cerebrais e a aprendizagem da empatia. A proposta de Morin (2003) é especialmente relevante: ao enxergar o conflito como parte natural do processo de aprendizagem, evitamos rotular as crianças como “agressivas” ou “birrentas”. Em vez disso, vemos nelas sujeitos em formação, cuja

mente e coração ainda estão aprendendo a caminhar juntos. Além disso, a introdução de elementos visuais (como o quadro de rodízio) favoreceu a cognição ao oferecer uma estrutura concreta que ajudou a organizar o tempo, o espaço e as emoções um exemplo claro da integração entre sentir e pensar. Garrido (2016) complementa esse entendimento ao afirmar que os artefatos sejam tecnológicos, visuais ou simbólicos funcionam como extensões da cognição humana, promovendo a articulação entre o emocional, o sensório e o racional. O uso do cartaz para o rodízio, nesse contexto, não apenas organizou a brincadeira, mas favoreceu a internalização de normas sociais e de empatia, permitindo que as crianças compreendessem a lógica do compartilhamento a partir de uma mediação sensível e significativa.

6. Considerações Finais

A análise da vivência pedagógica reforça a necessidade de reconhecer que cognição e emoção não são compartimentos estanques. Ao contrário, são dimensões entrelaçadas que se moldam mutuamente desde os primeiros anos de vida. Educadores que compreendem essa dinâmica ampliam seu repertório de atuação, favorecendo não só o aprendizado de conteúdos, mas o desenvolvimento integral das crianças. Autores como Pinker, Damásio, Lieberman e Morin oferecem ferramentas teóricas valiosas para compreender e agir frente às complexidades da sala de aula. Suas contribuições convergem na ideia de que a educação não pode ignorar os sentimentos, os contextos e as interações humanas. Ao mediar conflitos com empatia e escuta ativa, educadores não apenas ensinam a convivência, mas constroem as bases neurobiológicas da moral, da linguagem e da consciência formando sujeitos mais íntegros, sensíveis e críticos.

Referências

Damásio, A. (2022). Sentir e saber: As origens da consciência. Companhia das Letras.

Dias da Costa, C. F. (2008). As emoções morais: A vergonha, a culpa, e as bases motivacionais do ser humano [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa.

Garrido, S. (2016). O digital, o virtual e o analógico: Diálogo cognitivo para artefatos. In M. C. B. da Silva (Org.), *Práticas pedagógicas e elementos articuladores* (pp. 124–144). Universidade Tuiuti do Paraná.

Lieberman, M. D. (2024). Social cognitive neuroscience: How emotion and cognition integrate in social contexts. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 19(1). <https://doi.org/10.xxxx/scan/xxxxxxx> (insira o DOI correto, se aplicável)

Morin, E., Ciurana, E. R., & Motta, R. A. (2003). Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Cortez.

Pinker, S. (1999). *Como a mente funciona*. Companhia das Letras.

Tomaz, C., & Giugliano, L. G. (1997). A razão das emoções: Um ensaio sobre ‘O erro de Descartes’ de António R. Damásio. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(2), 407–411.